

II SEMINÁRIO ESTADUAL PIBID DO PARANÁ

Anais do Evento



Foz do Iguaçu | 23 e 24 | Outubro 2014

ISSN: 2316-8285



unioeste

Universidade Estadual do Oeste do Paraná
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO



UNILA

Universidade Federal
da Integração
Latino-Americana

QUÃO COMPLEXO É SE AVALIAR?!

Norberto Jose Polsin Junior¹.

Resumo: Avaliação é um ato muito complexo. Segue o fato de que os professores devem realizar avaliações periódicas do desempenho de seus alunos e a isto atribuir valor (nota), segundo as normativas da escola. Na atualidade o papel de avaliar é errôneo, pois muitas vezes se confunde com a palavra prova. Desta interpretação muitos são os professores que tendem a tratar a avaliação como um ato de classificação dos alunos, em aptos a repetir determinados algoritmos previamente exposto pelo professor ou inaptos a realizar este ato, disto percebe-se que existe uma valorização de determinada habilidade específica dos alunos. Contudo, a avaliação é um processo muito mais amplo, o qual pode ser um momento de aprendizado, de validação do aprendizado, assim como uma marca na vida do aluno. O presente trabalho procura propiciar um panorama geral sobre a avaliação, apontando alguns de seus aspectos na realidade escolar a fim de gerar uma melhor compreensão sobre o tema.

Palavras-chave: Aprendizagem. Avaliação. Conhecimento.

1 Introdução

A atual desvalorização do profissional da educação é uma triste realidade vivenciamos. Com a desvalorização do professor a quantidade de pessoas que se formam para atuar nesta área diminui, logo em certo tempo ocorrerá à falta de profissionais qualificados para atuar, como já ocorre em nosso país. Sabendo que os alunos não podem ficar sem aulas, o governo insere profissionais com outro tipo de formação, para atuar em sala de aula. Mas será que este profissional desempenha um papel adequado em sala de aula? Será que isso vem a desvalorizar mais a classe dos professores?! Tais dúvidas ainda persistem devido às muitas variáveis que existem neste meio.

Ao se analisar a desvalorização social dos professores, percebe-se que a realidade escolar mudou, desde sua importância social, como seu papel para a sociedade. Décadas se passaram e as escolas em geral se apresentam com mesma dinâmica de ensino, da década de 60, na qual apresenta técnicas as quais os alunos deveriam repetir mesmo sem atribuir significado a operação realizada. Do processo de ensino que se apresenta os alunos não se interessam, pois não vem utilidade nos conteúdos apresentados, o que pode acarretar a falta de interesse e motivação em aprender. Disto, a escola se torna obrigação governamental, não mais um ambiente de aprendizado. Para mudar visão de muitos estudantes quanto ao ensino de matemática, sugeriram diversas metodologias tal como, resolução de problemas, modelagem matemática, TICs, dentre outras.

¹ Norberto j. Polsin Jr., graduando de matemática licenciatura, da UNESPAR (Universidade Estadual do Paraná) campus União da Vitória, junior_polsin@hotmail.com.

Uma grande questão que surge após adotar uma metodologia diferenciada é o ato de avaliar, pois, como ter plena certeza se o aluno aprendeu o conteúdo a ser trabalhado? O fato é que se torna impossível realmente afirmar se o processo de aprendizagem ocorreu. Mesmo sem ter a fórmula para responder esta pergunta, os professores devem avaliar seus alunos de forma a atribuir valor classificatório aos mesmos em aptos ou inaptos a seguir para a próxima série/ano ou se irão repetir o mesmo (Silva, 2012). A procura de atribuir valor a algo, muitos são os equívocos que podem ocorrer nas avaliações que os profissionais da área de educação podem cometer.

O ato de avaliar, compreendido por muitos como provas e trabalhos, desempenha o seu papel em sala de aula, que por vezes tem caráter de classificar os alunos de acordo com específicas habilidades que são cobradas pelo professor em seu método de avaliação. Geralmente as provas tendem a avaliar a habilidade do aluno em aplicar determinado algoritmo. Fruto deste método avaliativo é a concepção dos estudantes, pois os mesmos tendem a reproduzir o que o professor passa em sala de aula, sem nem ao menos refletir sobre, o que geralmente faz com que eles perguntem professor que conta tem que fazer?

Cidadãos que terminar o ensino médio, com este hábito, ficam condicionados a repetir exemplos sem ao menos pensar sobre o que estão fazendo, deixando de ser um cidadão crítico na sociedade. Destes cidadãos poucos são aqueles que se destacam, de modo a seguir estudando e melhorando sua qualidade de vida. Desta forma, o ato de avaliar deve propiciar aos alunos a oportunidade de refletir, criar/desvendar os caminhos para solucionar um problema em questão, ou seja,

[...] se estabelecerá o verdadeiro sentido da avaliação: acompanhar o desempenho no presente, orientar as possibilidades de desempenho futuro e mudar as práticas insuficientes, apontando novos caminhos para superar problemas e fazer emergir novas práticas educativas (LIMA, 2002; apud. Diretrizes 2008, p.31).

Como o professor é responsável por criar hábitos na vida estudantil de seus alunos, cabe a ele, desenvolver tarefas que apresentem exigências de nível cognitivo elevadas, as quais farão os estudantes refletirem e procurarem métodos de resolução para desvendar a tarefa proposta. Para construção deste tipo de tarefa o educador deve construir ou adaptar tarefas qualitativas, criando assim em seus alunos o hábito de refletir e construir o conhecimento matemático. Surgirão da prática do educador, as habilidades matemáticas de seus alunos. Deste fato as tarefas propostas devem ser qualitativas, possibilitando ao aluno refletir sobre, assim como afirma Stein e Smith (2009) em seu artigo. Com tarefas qualitativas se criará um ambiente propício para que os alunos possam construir raciocínio crítico sobre

aspectos sociais os quais ele está inserido. Mas não basta avaliar uma única habilidade, pois ao fazer isso estará valorizando um tipo de habilidade específica. Segue então que o professor pode realizar diferentes formas avaliativas, tais como debates, painéis, seminários, estudos de casos, trabalhos em grupo e provas elaboradas/resolvidas em grupo, segundo pesquisas realizadas pelo CINFOP (2005)².

2 Aspectos gerais da avaliação.

2.1.O Processo avaliativo e a realidade social.

A escola tem papel relevante na sociedade, como formadora de pessoas críticas para conviver em sociedade. Contudo muitos jovens saem da escola sem o senso crítico sobre a realidade social e sem conhecimento científico elementar para diversas áreas de atuação no mercado de trabalho. Um importante mecanismo no processo de ensino e aprendizagem é a avaliação, já que a mesma tem o papel de validar as atividades realizadas pelos alunos assim como analisar o processo de ensino utilizado pelo professor. Como a avaliação valida tarefas previamente aprendidas e apreendidas pelos alunos, mostram que “as ações docentes de ensinar não podem ser desvinculadas das ações discentes de aprender”(CINFOP, 2005). Segue deste fato que todas as tarefas avaliativas estão intrinsecamente ligadas ao ato de ensinar. A formação de cidadãos críticos na sociedade depende em parte da ação do professor, já que suas avaliações, tarefas e propostas irão criar a concepção de cada aluno em sala de aula. Segue que existem movimentos os quais defendem que o papel da escola é formar cidadãos críticos, disto deve-se fazer com que os alunos reflitam em diversos aspectos sobre a matemática. De maneira que os alunos criem o hábito de solucionar problemas de nível cognitivo elevado, possibilitando a eles solucionar problemas complexos e exercícios desafiantes.

2183

Cabe ressaltar que o país apresenta uma realidade social muito diversificada, com diferentes tipos de pessoas e classes sociais inseridas no ambiente escolar. Cabe então ao professor intermediar diálogos e contextos culturais da sociedade que está inserida na escola em questão. Contudo, os professores de forma alguma devem avaliar os alunos carentes por sua miséria, os trabalhadores pelo seu cansaço, os que passam fome pela sua fome, e assim uma lista longa dos “coitados” que temos da escola (CINFOP, 2005). Como o professor não se pode ignorar este fato, mas existem entes especializados na escola para compreender os problemas dos alunos e assim orientá-los. Cabe então ao professor avaliá-los por seu

²CINFOP, Centro Interdisciplinar de Formação Continuada de Professores.

aprendizado e conhecimento de acordo com critérios claros, de forma mais justa possível, sendo imparcial e impessoal como seus alunos.

2.2. Avaliar ou Classificar.

O ato de avaliar como comentado anteriormente, deve ser um ato qualitativo o qual faça o aluno refletir/pensar para que futuramente possa se tornar um cidadão crítico na sociedade. Mas de forma geral as provas quantitativas que vem a refletir o currículo, que como Bigode (2014) afirma, são “quilômetros de conteúdos, milímetros de profundidade”, as quais cobram os diversos “macetes” ensinados aos alunos, afim de, cumprir o currículo. Ao aplicar provas quantitativas, avalia-se o mesmo quesito dos alunos (Capacidade em repetir/aplicar determinado algoritmo) de modo a classificar os estudantes, em bons em matemática ou não. Esta análise também pode ser observada nas falas de Sousa (1994), ao afirmar que,

O conceito de avaliação da aprendizagem que tradicionalmente tem como alvo o julgamento e a classificação do aluno necessita ser redirecionado, pois a competência ou incompetência do aluno resulta, em última instância, da competência ou incompetência da escola, não podendo, portanto, a avaliação escolar restringir-se a um de seus elementos, de forma isolada (Sousa, S.Z.L., 1994, p.46).

2184

Segue que avaliar é um processo intrínseco ao ensino, percebesse que como Sousa (1994) afirma, a escola deve esgotar os meios para que os estudantes aprendam e apreendam o conteúdo. Mas ao avaliar pela capacidade em repetir “macetes” e técnicas, muito poucos são os estudantes que constituem significado a esta matemática, logo pode imaginar que existe a matemática da escola e a matemática do cotidiano e poucas são as vezes que elas têm relações. Ao classificar os alunos na escola, são muitos os malefícios psicológicos que podem afetar o interesse dos estudantes pela matemática, segue então que os professores devem desenvolver tarefas avaliativas com certa necessidade cognitiva, assim como diferentes formas avaliativas possibilitando atingir em grau avaliativo uma maior parcela dos estudantes.

3 Considerações

Este trabalho foi realizado por meio de uma pesquisa teórica e pela participação do projeto PIBID de Matemática em colégios de União da Vitória, o qual proporcionou o conhecimento prático e teórico no âmbito escolar. O ato de avaliar, muitas vezes gera discussões, sobre os métodos/técnicas utilizados. Um dos pontos chaves dos questionamentos

é a possibilidade de avaliar os estudantes no curto período de tempo em que trabalhamos com os mesmos. A partir das análises de casos e possibilidades de avaliar, fica claro que é possível, mesmo que, este ato venha de agora em diante apresentar uma reflexão mais profunda, sobre os objetivos, critérios, táticas, linguagem do processo avaliativo, os quais serão aplicados com os alunos.

Ao refletir sobre a realidade das escolas, fica cada vez mais claro que o ato de avaliar, marca os objetivos do professor, ao olhar cada habilidade desenvolvida/aprimorada de seus alunos. Disto, a avaliação será também um momento de aprendizado e reflexão, o qual possibilita uma análise do desempenho da turma, do professor e das relações entre professor e aluno. Assim como o crescimento cognitivo lógico, crítico, matemático o qual será incentivado pelo processo avaliativo em sala de aula.

Referências Bibliográficas

BIGODE; Entrevista com professor Bigode - canal UNIVESP sobre o PISA; Jornal GGN; Disponível em: <http://jornalggm.com.br/video/entrevista-com-professor-bigode-canal-univesp-sobre-o-pisa>, acesso 21/09/2014.

CINFOP, Centro Interdisciplinar de Formação Continuada de Professores, Universidade Federal do Paraná, Coleção; Avaliação da Aprendizagem, **1 Fundamentos Teóricos do Processo de Avaliação na Sala de Aula**. Curitiba, editora UFPR, 2005.

PARANÁ, Secretaria do Estado da Educação. 2008. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica**. Curitiba: SEED, 2008.

SILVA, Inês Regina, **Avaliar ou Medir?** Novos Tempos, Novas Medidas. Revista Educação Matemática, número 13, p.41 a 48, 2009.

SOUSA, Sandra Zákia Lian. **Revisando a teoria da avaliação da aprendizagem**. In: SOUSA, Clarilza Prado de. Avaliação do rendimento escolar. 3-ed. São Paulo: Papyrus, 1994, p.27-49.

STEIN, Mary Kay; SMITH Margaret Schan. **Tarefas Matemáticas como Quadro para a Reflexão da investigação à prática**. Revista: Educação Matemática, número 105, p.22 a 28, novembro e dezembro de 2009.

³ “Curto período” refere-se ao fato de que os acadêmicos do subgrupo de matemática, realizarem um rodízio entre três escolas da cidade a cada final de semestre, o que muitas vezes não permite um diagnóstico do crescimento individual de cada aluno.